



MARCAS DA ESCOLA: RELATOS DE ESTUDANTES DE PEDAGOGIA VÍTIMAS DO *BULLYING*

Ellery Henrique Barros da Silva*

Fauston Negreiros**

Resumo – O trabalho possui como escopo descrever lembranças acerca do *bullying* vividas por estudantes do curso de pedagogia da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Fez parte da pesquisa um grupo de 11 estudantes, composto por sujeitos de ambos os sexos, todos devidamente matriculados na Universidade. Os dados apontaram aspectos quanto às concepções acerca do *bullying*; experiências de *bullying* vividas durante a escolarização; ocorrência da violência e estratégias de superação; papel da escola no enfrentamento do *bullying*; relações entre a violência sofrida e a opção por se tornar pedagogo(a), desenvolvendo uma cultura de paz na escola. A metodologia utilizada foi a de aspecto qualitativo-descritivo. O material coletado foi submetido à técnica de análise temática Hermenêutica de Profundidade seguindo suas três etapas: análise sócio-histórica; análise de conteúdo; e (re)interpretação. Pelos resultados apontados pelos futuros pedagogos entrevistados, percebe-se que o *bullying* é algo que marca por toda a vida, o que confirma que essa violência é silenciosa e perigosa. Porém, embora esses estudantes tenham vivenciado essas situações, eles possuem como meta fazer a diferença, utilizando métodos para que a escola seja um local de aprendizagem e paz.

Palavras-chave: escola, relatos, estudantes, *bullying*, pedagogia.

INTRODUÇÃO

O trabalho resulta de estudos empreendidos acerca do *bullying* no âmbito educacional, os quais tiveram como objeto de estudo a descrição dos relatos de futuros pedagogos e suas experiências vividas na escolarização.

Ao pensar no âmbito educacional em geral, pode-se ver que ainda existem inúmeros desafios a serem enfrentados, sendo um deles a violência escolar, a qual tem se estendido para

* Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Participante do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia Educacional e Queixa Escolar (Psiqued-UFPI).

** Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor Adjunto da UFPI. Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicologia Educacional e Queixa Escolar (Psiqued-UFPI).

fora das instituições de ensino. Entre as formas de violência mais frequentes, destaca-se o *bullying* que, segundo Lopes Neto (2005), compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas que ocorrem sem motivação evidente, executadas por um ou mais estudantes contra seus pares, causando assim dor e angústia, exercidas dentro de um contexto de desigualdade de poder. Esse tipo de violência é bem específico e causa sérios danos à vida de qualquer cidadão. Nesse sentido, esse problema tem sido observado frequentemente, ocasionando inúmeras tragédias, bem como doenças físicas e mentais.

Dessa forma, faz-se necessário uma abordagem sobre a violência escolar, o *bullying* e suas consequências, o meio social e a promoção de uma cultura de paz.

A VIOLÊNCIA ESCOLAR

A violência tem sido uma marca registrada nos últimos tempos, principalmente no que diz respeito ao âmbito escolar. Os jornais, as revistas e os sites da internet, ligados ou não à educação têm apresentado a expansão dessa ferocidade nas escolas, indicando que esse problema merece a atenção de todos os cidadãos. Sobre esse aspecto, considere-se o que dizem Macedo e Bomfim (2007, p. 27):

Sem dúvida, o fenômeno da violência está visivelmente presente em nossa sociedade, em nossas vidas, em nosso cotidiano. Aliás, aqui também se pode falar de "violências" quando a ação violenta é entendida como quaisquer danos às pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral. Dessa forma, o sucessivo argumento de processos estruturais de exclusão social é também considerado uma violência. Trata-se da violência estrutural fundamentada tanto na desigualdade de renda quanto na grave violação e negação de direitos humanos, sociais, econômicos, culturais e ambientais.

Com isso, percebe-se que "as violências" (uma vez que existem vários tipos) estão se intensificando, a ponto de não passarem despercebidas, camufladas com o rótulo de mera questão exclusão social, a qual por si só constitui uma violência ou elemento desencadeador. Além disso, esse evento que antes só se manifestava de forma explícita na sociedade começa a tomar corpo também no interior da escola, local antes visto como seguro e sagrado.

Segundo Lopes Neto (2005), o termo "violência escolar" diz respeito a todos os comportamentos agressivos e antissociais, incluindo os conflitos interpessoais, danos ao patrimônio e atos criminosos, entre outros. Observando por esta ótica, pode-se dizer que a violência se faz presente na escola há muito tempo, sendo curioso analisar o porquê de somente agora ela ter despertado tanto interesse. Para tanto, se faz importante a análise do motivo desse fato para que não predomine precocemente o discurso que descreve o jovem violento como reflexo de seu contexto sócio-histórico-cultural.

A violência hoje manifestada na escola pode ser um reflexo do que acontece além de seus muros, pois de acordo com Lopes Neto (2005), infelizmente, o modelo de mundo exterior é reproduzido nos estabelecimentos de ensino, fazendo com que essas instituições deixem de ser ambientes seguros, modulados pela disciplina, amizade e cooperação, e se transformem em espaços onde há sofrimento e medo.

Nesse contexto, em um local que deveria funcionar como um lugar de aquisição de conhecimentos e difusão de valores, alunos se tornam vítimas e atores de agressões físicas e verbais, xingamentos e hostilidades, delineando o surgimento do *bullying*, que não é uma violência qualquer, é um problema muito sério e que poderá acontecer com qualquer indivíduo.

O BULLYING NO SÉCULO XXI

Em meados de 1980 surge a palavra *bullying*, que, de acordo com a língua inglesa, deriva da palavra touro (*bull*). O conceito formulado recentemente aparece, portanto, como sinônimo de intimidação, temor, tirania, ato de maltratar alguém, agindo tal qual um touro raivoso. Para Fante (2005), em diferentes países, existem outros termos para se referir a esse tipo de comportamento, como *mobbing*, utilizado na Noruega e na Dinamarca, ou *mobbing*, usado na Suécia e na Finlândia; no entanto, de origem inglesa e sem tradução ainda no Brasil, a palavra *bullying* é utilizada para qualificar comportamentos violentos no âmbito escolar, tanto de meninos quanto de meninas (SILVA, 2010).

O *bullying* não é um problema isolado, pois envolve toda a sociedade, constituindo um problema mundial, que pode ocorrer em qualquer lugar, mas que se torna mais evidente no ambiente educacional. Em faculdades e universidades também são muito comuns os famosos trotes que, muitas vezes, podem gerar violências mais graves, ocasionando traumas psicológicos, agressões físicas e até mesmo a morte.

Dessa maneira, observa-se que esse tipo de violência ocorre em locais onde o tráfego de adultos é mínimo, mas também vale ressaltar que o *bullying* pode ocorrer no seu bairro, no seu local de trabalho e até entre seus vizinhos.

Segundo o Observatório da Infância, um *site* de apoio a todas as crianças e jovens que sofreram ou sofrem com algum tipo de violência, algumas ações que costumam fazer parte da prática do *bullying* são: colocar apelido, ofender, humilhar, discriminar, excluir, intimidar, perseguir, assediar, amedrontar, agredir, bater, roubar ou quebrar pertences, entre outras formas. Para Xavier (2009), pode ser a forma encontrada por crianças para expressar, nesse caso de forma agressiva, certos conflitos internos, oriundos do seio familiar. A autora enfatiza que, muitas vezes, as crianças utilizam esses tipos de ação por não terem diálogo, principalmente com os pais e, assim, acabam buscando nessas violências uma forma de chamar a atenção. Mas vale ressaltar que alguns pais, na maioria das vezes, fecham os olhos e não

tomam nenhuma atitude quando seus filhos demonstram esse comportamento, tratando o caso como apenas uma fase, sem observar que o autoritarismo, a violência doméstica e outros tipos de agressões podem resultar nesse comportamento.

Assim, o *bullying* se define como um conjunto de atitudes agressivas intencionais e repetidas, manifestado por um aluno ou grupo de alunos contra outro(s), ocorrendo sem motivação evidente, e provocando dor, angústia e sofrimento à(s) vítima(s) (FANTE, 2005). Para a autora, esse comportamento se manifesta na forma de:

[...] insultos, intimidações, apelidos maldosos, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que prejudicam, ridicularizam e infernizam a vida de alunos levando-os à exclusão; além de danos físicos, morais e materiais que podem advir dessas agressões, estas são algumas das manifestações do comportamento deste fenômeno (FANTE, 2005, p. 29).

Em virtude dessas características, nota-se que o *bullying* é bem diferente dos outros tipos de violência existentes, que ele tem características específicas, apresentando uma continuidade que se revela no medo que suas vítimas têm de falar sobre o problema.

AS FORMAS DE BULLYING

O *bullying* é um tipo de violência grave, que pode acontecer de forma direta e indireta. Segundo Silva (2010), o aumento do comportamento agressivo entre os adolescentes é um dos fenômenos que, atualmente, mais preocupa os setores sociais ligados a eles. Essa agressividade pode se manifestar das mais diversas formas:

[...] desde pequenos conflitos verbais entre indivíduos e/ou grupos até brigas físicas e violentas geradas pelas razões mais fúteis possíveis. São visíveis os abusos e as arbitrariedades dos "mais fortes" em relação aos mais frágeis, por meio de intimidações psicológicas e físicas, humilhações públicas, comentários maldosos, difamações, intrigas e até as mais variadas formas de violência propriamente dita (SILVA, 2010, p. 66).

A autora reforça a necessidade de um acompanhamento do comportamento dos filhos por parte dos pais, pois a variação de comportamento destes, que de uma hora para outra passam a ser agressivos, utilizando as mais diversas formas de aterrorização contra os mais fracos, pode sinalizar a presença do *bullying*. Segundo a revista *Construindo Notícias* (2011), esse mal ocorre de inúmeras formas. A primeira delas é a indireta, que na maior parte dos casos manifesta-se por meio de atos velados e discretos, como olhares, imagens e ilustrações

depreciativas, comentários maldosos e negativos etc.; a segunda é a direta e ocorre por meio de agressões físicas, gestos ameaçadores, chantagem, recusa social, diversos tipos de crítica (a aparência, as vestimentas, a orientação sexual, a etnia, a regionalidade), submissão da vítima e situações constrangedoras e problemáticas diante de outras pessoas etc. (PRO-FIRIO, 2011).

Essas duas características dessa agressão são bem comuns, mas com o surgimento de novas tecnologias surge o *ciberbullying*, que é manifestado por meio de aparelhos e equipamentos de comunicação (celular e internet), capaz de acabar com a moral e a autoestima por calúnias, frases maldosas e maledicências.

OS PRINCIPAIS PERSONAGENS DESSA VIOLÊNCIA

Identificar as principais vítimas e agressores é de suma importância para o fim dessa violência. Cada um apresenta características típicas tanto na escola como em seus lares.

Dessa forma, é considerado vítima o aluno que é exposto de forma repetida e durante algum tempo às ações negativas que ocorrem de forma continuada por um ou mais alunos (LOPES NETO, 2005). Geralmente esses atos acontecem quando essas pessoas tentam de forma intencional causar temor e medo à outra pessoa.

Existem as vítimas agressoras, categoria que, segundo Fante (2005), é composta de alunos que passaram/passam por situações de sofrimento na escola (como vítimas) e tendem a procurar indivíduos mais vulneráveis que eles para transferir os seus sofrimentos, culpando outras pessoas pelo que acontece em suas vidas, e, no entanto, para esses alvos surgirá a possibilidade de reprodução dessa violência.

As vítimas provocadoras, segundo Fante (2005), são crianças que provocam os outros e atraem, dessa forma, reações agressivas com as quais não sabem lidar eficazmente. Elas acabam desafiando outras pessoas e depois não sabem lidar quando são confrontados por eles, fugindo do controle. Ainda de acordo com a autora, habitualmente são crianças hiperativas, inquietas, agressoras; e de modo geral são imaturas, provocadoras. Normalmente são responsáveis por causar tensões e mal-estar no ambiente em que se encontram.

Os agressores (ou o agressor – também chamado de *bully*) são alunos que tentam vitimar os seus colegas, aparentemente mais fracos (FANTE, 2005). Isso pode ocorrer tanto no ambiente escolar como no doméstico, pois muitas vezes reproduzem apenas o que vivenciam, tendo como principal objetivo estar no poder e não aceitar de forma alguma ser contrariado.

Esses sujeitos apresentam, desde muito cedo, aversão às normas; geralmente são envolvidos em atos de pequenos delitos, como furtos, roubos ou vandalismo, como a destruição do patrimônio público ou privado. Segundo Silva (2010, p. 43):

O desempenho escolar desses jovens costuma ser regular ou deficitário; no entanto, em hipótese alguma, isso configura uma deficiência intelectual ou de aprendizagem por parte deles. Muitos apresentam, nos estágios iniciais, rendimentos normais ou acima da média. O que lhes falta, de forma explícita, é afeto pelos outros.

Muitos desses problemas podem ocorrer em famílias mal estruturadas, por isso muitas dessas agressões se manifestam com o propósito de chamar a atenção ou até mesmo expressar aquilo que estão sentindo e acham certo.

BULLYING: CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS

O que leva um indivíduo a praticar *bullying* e quais as consequências dessa prática para as vítimas? Os estudos apontam para a baixa autoestima como ponto de partida e chegada dessa questão. Para Silva (2010, p. 25), além de os *bullies* escolherem um aluno-alvo que se encontra em franca desigualdade de poder, geralmente este também já apresenta uma baixa autoestima. Muitas vezes essas práticas ocasionam sérios problemas psíquicos e/ou comportamentais, que às vezes trazem sérios prejuízos irreversíveis.

Segundo Lopes Neto (2005, p. 168), pessoas que sofrem *bullying* quando crianças são mais propensas a sofrer:

[...] depressão e baixa autoestima quando adultos. Dessa mesma forma, quanto mais jovem for a criança frequentemente agressiva, maior será o risco de apresentar problemas associados a comportamentos anti-sociais em adultos e à perda de oportunidades, como a instabilidade no trabalho e relacionamentos afetivos pouco duradouros.

Como consequência desse fenômeno, os estudos apontam que os fatores sociais e financeiros causados por essa violência atingem as famílias, as escolas e toda a sociedade. No âmbito familiar, depois do problema exposto, muitos pais sentem-se culpados por não conseguirem ajudar seus filhos que passam por esses obstáculos. Na escola, o desinteresse dos professores e da direção sobre essa temática é uma característica que gera desestímulo para os alunos, levando-os ao baixo rendimento escolar.

Silva (2010) destaca que os problemas relatados, em sua maioria, apresentam um fator genético considerável, ou seja, podem ser herdados dos pais ou de parentes próximos. No entanto, a vulnerabilidade de cada indivíduo, aliada ao ambiente externo, às pressões psicológicas e às situações de estresse prolongado, pode deflagrar transtornos graves que se encontravam, até então, adormecidos. Dessa forma, deve-se refletir de maneira bastante conscienciosa que, além de o *bullying* ser uma prática inaceitável nas relações interpes-

soais, pode levar a quadros clínicos que exijam cuidados médicos e psicológicos para que sejam superados.

A autora demonstra preocupação com essas consequências, pois não se trata apenas do contexto escolar, também envolve a saúde mental e física de cada indivíduo que sofre e o comete, por isso se torna necessário conhecer as particularidades de cada sujeito para que sejam tomadas medidas cabíveis contra o *bullying*.

O CONTEXTO SOCIAL

Desde o nascimento, é estabelecido o primeiro contato do homem na sociedade; o sujeito constrói uma personalidade própria que é resultante do comportamento com outros indivíduos. Nesse aspecto, esse convívio propicia ao ser apropriar-se de outras culturas, costumes diversos, possibilitando a construção de uma identidade.

As interações sociais, segundo Braghirolli (2010, p. 67), são

[...] o processo que se dá entre dois ou mais indivíduos, em que a ação de um deles é, ao mesmo tempo, resposta a outro indivíduo e estímulo para ações deste, ou, em outras palavras, as ações de um são, simultaneamente, um resultado e uma causa das ações do outro.

Ou seja, seria uma reação a partir do comportamento estabelecido pelo sujeito. Essas relações são denominadas interpessoais, ou sociais, acontecendo entre dois ou mais sujeitos.

Todavia, a influência cultural predominante na família que constitui o comportamento social do indivíduo é a primeira forma de apresentação ao mundo, pois é no seio familiar que ele cria suas características em relação aos outros. Nesse sentido, Braghirolli (2010, p. 69) ressalta que "a cultura do meio social de um indivíduo influencia marcadamente suas características de personalidade, seus motivos, atitudes e valores". Assim, a escola, como é um espaço de aprendizagem e de convívio entre pares, se transforma em um lugar no qual esse sujeito aplicará suas experiências adquiridas, sejam elas positivas ou negativas.

Nesse contexto, a violência é uma queixa geradora dessa interação, pois ela pode ser ocasionada no meio ao qual pertence esse indivíduo, o que propicia e estabelece a reprodução desse comportamento contra os demais no ambiente escolar.

Corroborando essa tendência, ao se chegar ao Ensino Superior, os reflexos do que foi sofrido durante a escolarização são observados na escolha profissional, uma vez que o ambiente escolar constitui um ambiente de formação, um espaço de ensino-aprendizagem, com a finalidade de preparar os sujeitos para a aquisição de uma característica subjetiva e capacitação para o mercado de trabalho.

Hoje em dia, o acesso às universidades está bem mais fácil, se comparado a décadas atrás, pois esse acesso, no passado, era disponibilizado apenas aos filhos das elites, constituindo um meio de obtenção de status social. Zabalza (2004, p. 22) enfatiza que:

[...] houve muitas alterações na educação superior durante esses últimos anos: da massificação e progressiva heterogeneidade dos estudantes até a redução de investimentos; da nova cultura da qualidade a novos estudos e novas orientações na formação (fundamentalmente a passagem de uma orientação centrada na aprendizagem), incluindo a importante incorporação do mundo das novas tecnologias e do ensino a distância. Tudo isso repercutiu de forma substancial no modo como as universidades organizam seus recursos e atualizam suas propostas de formação.

Nesse aspecto, é oportuno ver o crescimento e a massificação do Ensino Superior, pois este não era para todos. Entretanto, surgem as dúvidas e as certezas quanto a que caminho se deseja alcançar, pois as escolhas profissionais têm uma ligação direta com os acontecimentos e experiências vividas. Assim, Pimenta (2008, p. 112) considera que

[...] a identidade pode ser analisada na perspectiva individual e coletiva. Enquanto a primeira é constituída pela história – a experiência pessoal, que se expressa no sentimento de originalidade e continuidade –, a segunda é uma construção desenvolvida no interior dos grupos e das categorias que se estruturam na sociedade, conferindo à pessoa um papel de *status social*.

Destarte, a formação, a profissão docente, o pedagogo ainda sofre muitos embates, desde os preconceitos, questões salariais, *status* sociais, condições de trabalho. São fatores que desqualificam o professor, fazendo com que profissionais de outras áreas, e até mesmo os próprios docentes, desconheçam a essência do curso de pedagogia (LIBÂNEO, 2008).

Todavia, Martins (2007, p. 11) esclarece que "a formação deve, acima de tudo, estimular estratégias de autoformação, o que quer dizer promover o processo de aprender a aprender"; ou seja, é importante que os profissionais que escolheram a docência exerçam sua profissão com destreza e que não ocorram discrepâncias sobre como desenvolver o seu trabalho, transformando a escola em um espaço de aprendizagem, agradável e para a paz.

CULTURA DE PAZ

Estar em um ambiente propício e favorável é algo almejado por todos. A escola deveria se caracterizar assim, mas não é o que está acontecendo atualmente, a violência está carim-

bando o seu espaço. Percebe-se é que as escolas não estão conseguindo cumprir o seu papel enquanto instituição formal de ensino. Nessa ótica, Fante (2005, p. 91) afirma que

[...] para que se possam desenvolver estratégias de intervenção e prevenção ao *bullying* em uma determinada escola, é necessário que a comunidade escolar esteja consciente da existência do fenômeno e, sobretudo, das consequências advindas desse tipo de comportamento.

Por conseguinte, a criança, desde a infância, deve ser ensinada a ter valores, estabelecendo relações entre pares, regras de boa convivência; estas, por sua vez, são algumas estratégias que podem auxiliar e assim estabelecer a convivência pacífica por meio do respeito e dignidade (FANTE, 2005, p. 91).

Dessa forma, é oportuno que todos os profissionais, a família, os alunos e a comunidade em geral saibam o que é essa violência e que ela ocorre dentro e fora dos muros escolares.

Portanto, "viver em uma cultura de paz significa repudiar todo e qualquer tipo de violência, promovendo os princípios de tolerância, compreensão e justiça" (MATOS; NASCIMENTO, 2006 apud MATOS, 2012, p. 25). Assim, é importante que todos estejam preparados para identificar e lidar com o *bullying* e que os profissionais que estão entrando no mercado de trabalho usem sua formação e transformem esse lugar de aprendizado e paz em um ambiente de realização e transformação social.

METODOLOGIA

Tipo de pesquisa

O presente estudo constitui uma pesquisa qualitativa, a qual é classificada, quanto aos seus objetivos, como descritiva. Uma pesquisa que tem por base a interpretação dos fenômenos, sem se preocupar com quantidade. Nessa modalidade de pesquisa os dados são coletados por meio das interações sociais e analisados subjetivamente pelo pesquisador (RODRIGUES, 2007).

Participantes

Participou dessa pesquisa uma amostra de 11 estudantes, regularmente matriculados no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí. Esse grupo foi composto por sujeitos de ambos os sexos e matriculados em períodos diferentes.

Procedimento de coleta de dados

A pesquisa seguiu rigorosamente as normas de aprovação do Comitê de Ética da UFPI e está vinculada ao Departamento de Pedagogia e ao *campus* Amílcar Ferreira Sobral (Cafs-UFPI).

Inicialmente os dados foram obtidos por meio do método *snowball*, conhecido como bola de neve, que, nas palavras de Fernandes e Carvalho (2000), é aquele em que um indivíduo previamente localizado é solicitado a, por meio de um procedimento nominativo, nomear outros indivíduos que integrem os critérios estabelecidos, de modo a assegurar as cadeias de referência.

Essa coleta dos dados teve início após assinado um termo de consentimento do entrevistado. Assim, os participantes terão seus nomes preservados. Desse modo, a coleta se deu a partir de roteiros de entrevistas devidamente respaldados com a metodologia da história oral, pois segundo Alberti (2007), é na realização de entrevistas que se situa efetivamente o fazer a história oral.

Procedimento de análise dos dados

Os dados foram tratados e analisados de acordo com a técnica de análise de dados da Hermenêutica de Profundidade, constituída por três etapas: análise sócio-histórica, formal ou discursiva e a reinterpretação (VERONESE; GUARESCHI, 2006).

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Essa pesquisa teve a participação de 11 sujeitos, todos discentes do curso de Pedagogia, matriculados na UFPI, da cidade de Floriano/PI. Para uma maior contextualização acerca dos dados obtidos, serão apresentadas as categorias de análise dos dados, nas quais estes foram agrupados tematicamente, a saber: concepções acerca do *bullying*; experiências vividas sobre o *bullying* durante a escolarização; ocorrência da violência e estratégias de superação; papel da escola no enfrentamento do *bullying*; relações entre a violência sofrida e a opção por se tornar pedagogo(a); desenvolvendo uma cultura de paz na escola.

Concepções acerca do *bullying*

Essa categoria de questões objetiva saber as concepções dos educadores sobre o tema *bullying*. A partir dela, foi possível saber qual o entendimento a respeito da temática, por meio do que foi vivenciado durante a escolarização.

[...] *bullying* pra mim é uma ação que uma pessoa comete contra outra, ou seja, uma violência, um apelido, um deboche, tanto na forma física ou psicológica ofende a pessoa e maltrata, faz com que essa pessoa tenha dentro de si uma mágoa, um rancor que ela vai levando a vida inteira com ela, muitas vezes a pessoa consegue superar, mas também tem momentos em que a pessoa leva aquilo consigo pra vida inteira [...] (Luiz).

[...] É uma forma de discriminação, que alguém tem contra uma pessoa, por algum estilo dela, alguma característica física ou emocional da pessoa [...] (Nara).

[...] É uma repressão, acho, o *bullying* é uma, uma forma de exclusão, excluindo o aluno da turma porque muitos coleguinhas começam a falar coisas que não agradam o outro colega, né, aí é isso pra mim torna até o colega meio desestimulado de estudar [...] (Ianna).

Diante dos relatos obtidos, o *bullying* está associado a elementos de violência física, psicológica ou simbólica, a uma forma de discriminação e como uma repressão. Assim, Fante (2005, p. 27) define o *bullying* como uma "palavra de língua inglesa, adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar outra pessoa e colocá-la sob tensão". Dessa forma, o termo utilizado tem como objetivo apenas denominar e caracterizar esse tipo de violência.

Nesse aspecto, Silva (2010, p. 21) lembra "que as atitudes tomadas por um ou mais agressores contra um ou alguns estudantes, geralmente, não apresentam motivações específicas ou justificáveis". Entretanto, é algo que baixa a autoestima e a vítima, às vezes, se sente culpada por não saber o que, de fato, fez para ser tratado daquela forma.

Experiências de *bullying* vividas durante a escolarização

Esta segunda categoria descreve as experiências vividas pelos discentes de pedagogia em termos de *bullying*. Assim, descreve os principais acontecimentos marcantes na vida enquanto estudantes.

[...] Um fato que foi um dos piores que aconteceu comigo na minha vida, que eu senti tanto na questão física ou psicológica, foi quando certa vez eu não quis fazer o trabalho pros meninos porque já estava cansado, que a prova também precisava tirar nota boa, aí ele disse: Você não vai fazer não? Eu disse que não. Aí tá bom, quando foi na hora do recreio eu estava brincando mais os meus colegas, quando eu estava passando pra sala de aula eles me pegaram. Aí naquele tempo nas escolas graças a Deus não tinha mais os chamados chapiscos que eram jogados nas paredes, então eles me pegaram pela camisa da escola e

me levantaram no chapisco até eu dizer que ia fazer o trabalho pra eles. Ai... eu peguei e fiz. Quando cheguei em casa que eu estava tomando banho, naquele tempo a mãe ia banhar os meninos mesmo, aí minha mãe já vinha pra me banhar, mas quando eu tirei a camisa da escola e as minhas costas estavam todas raladas saindo sangue, ela me perguntou o que foi, aí... eu não disse o que tinha sido de verdade, eu apenas disse que tinha caído e tinha me ralado e nisso ela acreditou, porque muitos não conseguem, mas eu consegui foi nunca ter levado minha mãe pra escola por motivos de ter apanhado, brigado, nunca. Nunca foi em escola, ela já foi pra reunião dos pais, mas não por seu filho estar apanhando de sicrano, ela nunca foi não, então essa foi uma das coisas que eu mais senti raiva e tinha vontade de um dia poder pegar ele e dar uma pisa, mas nunca pude fazer isso. Mas o que me recompensou foi o quê? [...] (Luiz).

[...] Deixa eu ver... No começo a mãe me falou que no meu ensino básico, bem básico mesmo, eu era a menor da turma e eu fui amarrada na cadeira pela professora sem ela me explicar o porquê, eu fiquei amarrada lá na sala e todo mundo lá brincando e eu amarrada na cadeira, ela foi explicar pra minha mãe, mas eu fiquei o ano todo sem pisar na escola, fiquei com medo de professor. Ah, ela explicou pra mãe que era pra eu não cair, mas ela não explicou pra mim por que eu estava caindo, escorregando da carteira, como ela não explicou pra mim foi um trauma e eu não quis estudar naquela bendita escola, fiquei sem estudar lá e só no outro ano tive que me readaptar de novo. Foi a minha primeira experiência traumática de escola que a mãe me disse. A segunda era porque o meu cabelo era muito grande e eu ia de trança, aí o pessoal amarrava, puxava meus cabelos, as minhas tranças, me chamavam de Rapunzel, Rapunzel, né! Por causa das trançonas e me chamavam de quatro olhos porque eu usava óculos, aí era assim, jogavam piadas até eles cansarem, depois foi por eu ser gorda, era a bola da sala, sempre teve um apelidinho [...] (Nara).

Em meio aos depoimentos apresentados, percebe-se que foram experiências envolvendo agressões físicas por não querer fazer o que os outros desejavam, agressões psicológicas por não possuir o modelo padrão exigido pela sociedade e agressões simbólicas que envolviam desde apelidos até comparações. Nesse contexto, Souza (1997, p. 19) afirma que

[...] os acontecimentos vividos pela criança na escola são interpretados como um sintoma de conflitos de seu mundo interno e de sua relação familiar que, por ser inadequada e ou insuficiente, traz consequências para o desenvolvimento deste aluno e, por conseguinte, ao processo de aprendizagem.

A escola, que deveria ser um espaço de aprendizagem, acaba causando um retrocesso para o sucesso desse aluno, que visualiza a escola como um ambiente de angústia e medo.

Pode ser acrescentado ao parágrafo anterior, que, de acordo com Blin (2005, p. 29), "muitos jovens frequentam a instituição escolar por obrigação, sem motivações pessoais, o que provoca neles uma avaliação das situações na escola no registro das sensações e das emoções". Nesse sentido, muitas crianças vão para a escola apenas cumprindo a ordem dos pais, uma vez que não são incentivados no ambiente familiar. Por isso, reagem por meio de inúmeras atitudes, às vezes para chamar a atenção e outras reproduzindo o que é vivenciado em casa.

OCORRÊNCIA DA VIOLÊNCIA E ESTRATÉGIAS DE SUPERAÇÃO

Essa categoria de questões procurou saber a partir de quando ocorreu essa violência, além dos lugares e das circunstâncias em que ocorreu, bem como a forma de superação, e se hoje já está superada.

[...] Os lugares eram na escola e na minha rua, todo tempo eu fui conhecida na minha rua e na escola como testa de relâmpago e testa de amolar facão, e um momento que eu nunca esqueci foi o que a menina arrancou a folha do meu caderno que disse que ia limpar a minha testa para poder amolar o facão, do meu caderno não, do meu livro, disse que ia limpar minha testa pra amolar o facão. Nesse dia eu avancei nela, fui até no quadro-negro, dei nela, fiz sangue no rosto dela, aí eu fui pra diretoria. Muitas vezes, simplesmente chorava; não sabia o que fazer, era uma criança. Eu tinha o quê? Dez anos de idade, na época.

[...] Sim hoje eu considero que sim, eu não tenho mais tanta vergonha assim de mostrar a minha testa e até porque cada dia mais ela tá aumentando, o meu cabelo vai caindo. Quando eu era criança naquela época os meninos me chamavam de testa de relâmpago, me chamavam de testa de relâmpago eu chorava. Quando chamavam testa de amolar facão eu chorava, aí até que ficou uma coisinha na minha mente. Naquela época, quando eu era criança, quando preparava assim o céu pra chuva, eu já tinha medo de chover e os meninos me chamar de testa de relâmpago [...] (Liz).

[...] Eu me tornei bastante agressiva, bastante mesmo, tipo na escola ninguém se metia comigo não, devido a isso eu me tornei muito agressiva, tirando que eu ficava totalmente impotente diante dele porque eu sabia que toda vez ele ia rir, ia falar e todos ao meu redor iam me ridicularizar e se partisse pra cima dele não ia adiantar, eu fiquei muito agressiva mesmo [...]

[...] Passei a desenhar, eu ficava muito reclusa e passei a desenhar bastante, bastante, então depois algumas vezes eu desenhava cenas, amassava e jogava fora, pois, por mais que eu mostrasse, ninguém ia entender nada [...]

[...] Hoje acho que não totalmente, tem coisas que ainda ficam porque era esse e outros apelidos, então estou conversando contigo e estou com a blusa bem aqui, porque um dos que ele gostava de gritar bastante é que eu era gordinha, me chamava de balofa; o outro, então eu estou com o pano bem aqui porque eu tô com vergonha de mostrar a barriga, então eu nunca fico exposta; engraçado, você tem o hábito em sua casa, você troca de roupa, você sai do banheiro só de toalha, eu não faço isso, eu entro vestida e saio vestida do banheiro e jamais, pra mim é algo de morte, então parte eu superei porque eu falo com todos, eu tenho preocupação com todos, eu não me recluí totalmente, eu também não parei de desenhar, mas alguma coisa ficou" [...] (Kris).

A partir dos resultados obtidos, observou-se que essa violência predominava dentro e fora do ambiente escolar, mais precisamente dentro da sala de aula e nos intervalos, e como forma de reverter a situação, a vítima tornava-se agressiva com os agressores.

Vitimiza a criança envolvida na mais tenra idade escolar, tornando-a refém de uma ansiedade flutuante e circulante que interfere em todos os seus processos de aprendizagem pela excessiva mobilização psíquica de medo, constrangimento, angústia e raiva reprimida (FANTE, 2005, p. 12).

Portanto, a criança se sente retraída e infeliz, pois vê a escola como um local assustador por causa dos fatos nela vividos.

PAPEL DA ESCOLA NO ENFRENTAMENTO DO *BULLYING*

Esta categoria tem como propósito saber o papel, as atribuições e as medidas tomadas pelas escolas em relação aos episódios de *bullying*.

[...] Assim, eles nunca procuraram resolver isso aí, toda vez que eu ia lá, eles falavam que iam, só que eu sempre esperava que eles fossem, mas nunca iam resolver. Eu acho assim, porque a gente sabe que isso é uma coisa que acontece de vários tempos, o *bullying*, só que ele antigamente antes não era algo resolvido, ninguém conhecia inteiramente o que era o *bullying*, então eu acho que por eles tipo pensarem que aquilo ali que acontecia comigo era algo natural, algo de apelação de criança e de jovem que faziam antigamente, né [...] (Joana).

[...] Nenhum. E sinceramente lá não ligavam, o professora não estava nem aí, não estava nem aí pro aluno, o aluno sofria ali o *bullying* e ele só dizia assim: se fosse possível ele

até ajudava a... usar o *bullying* nos outros mais ainda, que a professora não ligava de jeito nenhum, não se importava [...] (Ianna).

Diante das respostas obtidas, constata-se que as medidas tomadas pela escola eram poucas, e que, muitas vezes, não chegavam a nenhuma ação, mostrando certa desvalorização quanto à violência vigente no ambiente escolar. Moreira (2010, p. 70), afirma que "a escola tem como objetivo desenvolver a inteligência por meio da instrução". Assim, a escola está se mostrando descompromissada em relação ao seu papel de educar, atribuindo os problemas escolares ao aluno e à família, pois torna-se mais cômodo colocar as responsabilidades nos outros do que em si mesma.

Todavia, Vygotsky (1994, p. 99) faz referência a que "o único bom ensino é o que adianta ao desenvolvimento. Uma boa escola deve ser estimulante para o aprender". Assim, é necessário que a escola seja um ambiente prazeroso, no qual o aluno se sinta acolhido e seguro para desenvolver suas competências, habilidades e destrezas.

RELAÇÕES ENTRE A VIOLÊNCIA SOFRIDA E A OPÇÃO POR SE TORNAR PEDAGOGO(A)

A presente categoria versa sobre a relação existente entre a violência sofrida no meio escolar e a escolha profissional de se tornar pedagogo.

[...] Eu acho que a minha escolha profissional ainda está meio bagunçada, porque... eu ainda estou me descobrindo no curso e quanto mais eu me descubro, mais eu vejo que as responsabilidades são além do que eu imaginava, e o que aconteceu comigo não foi uma interferência assim direta na escolha do curso [...] (Nara).

[...] É possível porque o *bullying* deve ser tratado não só na escola, mas em casa também, porque a nossa casa é nossa primeira escola, então assim a junção família e escola é fundamental pra tratar a violência, verbal e física, então eu sempre, sempre pra vestibular eu sempre quis fazer pra área de educação. Minha mãe é professora, todo mundo lá em casa é professor e eu gosto, sempre gostei e assim você ajuda alguém, crianças, que a mente tá se constituindo assim e saber o que são valores, a moral, a ética e tudo, e você ajudar nessa construção é muito grandioso, embora você pense que eu tô aqui nessa profissão, mas não vou ser bem remunerado, mas a forma que eu acho de você recompensar e tudo e não ser bem remunerado é saber o quanto você pode ajudar [...] (Wanessa).

Dentre as respostas se percebe que muitos associam a experiência traumática sofrida em sua escolarização à sua escolha profissional de se tornar professor, pedagogo, educador, porém outros ainda tentam se encontrar no curso. Nesse aspecto, em relação à Teoria Sócio-Histórica, Vygotsky, Carvalho e Matos (2009, p. 165) relatam que "ao nascer, o homem herda características genóticas da sua espécie e dos seus familiares, que constituem possibilidades a ser desenvolvidas no convívio social"; ou seja, os acontecimentos aqui vividos podem ser construídos a partir da convivência com o outro, marcando a construção da subjetividade humana.

DESENVOLVENDO UMA CULTURA DE PAZ NA ESCOLA

A presente categoria abordará os métodos e estratégias que os pedagogos utilizarão enquanto sua prática docente em detrimento de uma cultura de paz.

[...] É... fazer aulas em círculo, algo que eu achei maravilhoso, eu já tinha aprendido, só que eu nunca tinha levado pro lado que eu aprendi com o professor. O círculo nos torna iguais, independente do que você seja ou como você seja, então pode ser diferente; vai dar um pouquinho de trabalho imaginar como fazer uma aula em círculo onde todos possam me ver, mas pelo menos vai ser um esforço a mais que eu vou fazer pelos meus alunos pra que eles entendam que todos realmente somos iguais, não tem o que diferenciar [...] (Kris).

[...] Eu acho que, desde cedo, desde criança, desde a educação infantil, se eu for trabalhar na educação infantil eu acho que é diálogo, você falar, conversar, explicar o que é certo e o que é errado, embora o que eu achar errado, pode não ser errado pra elas, mas no meu ponto de vista e também porque, por eu ter estudado, posso contribuir dessa forma, explicando, dialogando que nem tudo é como a gente quer, nem tudo é perfeito, tem colegas que podem fazer a diferença assim de classe, um exemplo que nem por isso ele será menos que você [...] (Wanessa).

Dentre os relatos, observa-se que as principais estratégias serão por meio do diálogo, aulas em círculos com o propósito de mostrar que todos são iguais. Nesse aspecto, Guimarães (2006 apud MATOS, 2012, p. 23) esclarece que "a cultura de paz é um conjunto de princípios, atitudes, costumes, modos de comportamento e estilos de vida que se assentam". Destarte, esse conceito atribui a toda uma ramificação que deve ser ensinada desde cedo para que, assim, sejam internalizados todos os ensinamentos necessários para se conviver.

Não obstante, Fante (2005, p. 92) ressalta que "todas as iniciativas escolares empreendidas têm, como ponto comum, a ideia de que a violência pode ser evitada e, consequente-

mente, minimizado seu impacto". Então, é necessário que a escola, enquanto espaço educacional, obtenha mecanismos, estratégias que contribuam ao favorecimento dessa cultura de paz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência é um tema massificador que está ganhando uma grande repercussão na sociedade. As mídias, jornais, mostram todos os dias os principais acontecimentos que estão abrangendo até o ambiente escolar. Esse tipo de violência é denominado *bullying*.

Diante dos relatos obtidos pode-se observar que o *bullying* está associado a fatores de violência física, psicológica ou simbólica, a uma forma de discriminação e como uma repressão. Sobre as experiências vividas, estas envolveram agressões físicas, psicológicas e simbólicas, e ocorriam dentro e fora do ambiente escolar. Por sua vez, a escola foi negligente e não cumpriu o seu papel, fechando os olhos para o que estava acontecendo. A respeito da questão profissional, muitos associam a escolha do curso de pedagogia ao que viveram na sua escolarização. Destarte, conforme foi observado nos relatos, as estratégias para promover uma cultura de paz seriam a realização de palestras e a prática do diálogo.

Nesse aspecto, considerando os relatos dos futuros pedagogos entrevistados, percebe-se que o *bullying* é algo que marca por toda a vida, confirmando que essa violência é silenciosa e perigosa. Porém, embora esses estudantes tenham vivenciado essas situações, eles possuem como meta fazer a diferença, utilizando-se de métodos que podem tornar a escola um local de aprendizagem e paz.

A relevância desta pesquisa é grande, pois os relatos apresentam lembranças acerca da escolarização, que são necessárias para o conhecimento da sociedade e, principalmente, para profissionais da educação, revelando a realidade em relação ao que essa violência pode ocasionar na vida das pessoas. Desse modo, sugere-se que as escolas e os pais fiquem mais atentos para que as crianças possam conviver em harmonia e sabedoria, dentro do ambiente escolar.

School marks: education students reports victims of bullying

Abstract – The work has the scope to describe memories about bullying experienced by students of pedagogy at the Federal University of Piauí (UFPI). The participants were 11 students, composed of individuals of both sexes, all duly enrolled at the University. Data showed aspects as the conceptions about bullying: experiences lived about bullying during school, occurrence of violence and coping strategies, role of coping in school bullying, relations between the violence and a pedagogue and development of a culture of peace in school. The methodology used the aspect qualitative – descriptive. The material was subjected to thematic analysis Depth hermeneutics

following its three stages: socio-historical analysis, content analysis, and (re)interpretation. The results show future educators interviewed realize that bullying is something that brand for life, confirming that such violence is silent and dangerous. However, even these students have experienced these situations, they have a goal to make a difference, using methods that school is a place of learning and peace.

Keywords: school, reports, students, bullying, pedagogy.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. *Manual de história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

BLIN, J.-F. *Classes difíceis: ferramentas para prevenir e administrar os problemas escolares*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

BRAGHIROLI, E. M. *Psicologia geral*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

CARVALHO, M. V. C.; MATOS, K. S. A. L. *Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem em discussão*. 2. ed. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

FANTE, C. *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar a paz*. Campinas: Verus, 2005.

FERNANDES, L.; CARVALHO, M. C. Por onde anda o que se oculta: o acesso a mundos sociais de consumidores problemáticos de drogas através do método do snowball. *Revista Toxicodependências*, v. 6, n. 3, p. 17-28, 2000. Edição SPTT.

LIBÂNEO, J. C. *Pedagogia e pedagogos para quê?* 10. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

LOPES NETO, A. A. *Bullying – comportamento agressivo entre estudantes*. *Jornal de Pediatria*, Rio de Janeiro, n. 81, 5 Supl., p. S164-S172, 2005.

MACEDO, R. M. A.; BOMFIM, M. C. A. *Um olhar sobre juventudes e violências na escola*. Teresina: Expansão, 2007.

MARTINS, L. M. *A formação social da personalidade do professor: um enfoque vigotskiano*. Campinas: Autores Associados, 2007.

MATOS, K. S. A. L. *Cultura de paz, ética e espiritualidade III*. Fortaleza: Edições UFC, 2012.

MOREIRA, D. *Transtorno do assédio moral-bullying: a violência silenciosa*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.

PIMENTA, S. G. *Estágio e docência*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PROFIRIO, S. O *bullying*: uma nova forma de preconceito. *Revista Construindo Notícias*, v. 10, n. 56, p. 26-27, jan./fev. 2011.

RODRIGUES, R. M. *Pesquisa acadêmica: como facilitar o processo de preparação de suas etapas*. São Paulo: Atlas, 2007.

SILVA, A. B. B. *Bullying: mentes perigosas nas escolas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SOUZA, B. P. Professora desesperada procura psicóloga para classe indisciplinada. In: MACHADO, A. M.; SOUZA, M. P. R. (Org.). *Psicologia escolar: em busca de novos rumos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

VERONESE, M. V.; GUARESCHI, P. A. Hermenêutica de profundidade na pesquisa social. *Revista de Ciências Sociais Unisinos*, São Leopoldo, v. 42, n. 2, p. 89-93, maio/ago. 2006.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

XAVIER, A. Brincadeira sem graça. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 15 mar. 2009, ano XXVIII. VIVA, p. 1, 2, 4.

ZABALZA, M. A. *O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas*. Porto Alegre: Artmed, 2004.